

Yo tengo un paje muy fiel
que me cuida y que me grüñe,
y al salir, me limpia y bruñe
mi corona de laurel.

Yo tengo un paje ejemplar
que no come, que no duerme,
y que se acurruca a verme
trabajar, y sollozar.

Salgo, y el vil se desliza
y en mi bolsillo aparece;
vuelvo, y el terco me ofrece
una taza de ceniza.

Si duermo, al rayar el día
se sienta junto a mi cama:
si escribo, sangre derrama
mi paje en la escribana.

José Julián Martí 1853-1895, de Versos Sencillos XI (concluye);
José Martí Poesía Completa, Tomo I, Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Vou sorrindo com cuidado,
sondando bem a pessoa,
pois ser feliz é um pecado
que pouca gente perdoo.

Zákind Piatigórsky, em
Boletim UBT RJ 0505

Sasimi de atum
transforma em boa conversa
rusgas do casal.
Teruko Oda

Ziver Riitta, em
Fanal 0505 – casadopoea@uol.com.br

Amor é um fogo que arde sem se ver;
é ferida que dói e não se sente;
é um contentamento descontente;
é dor que desatina sem doer;
é um não querer mais que bem querer;
é solitário andar por entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é cuidar que se ganha em se perder;
é querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence, o vencedor;
é ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode o seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor?

Luis Vaz de Camões (1524-1580), Soneto 11
José Lino Grunewald – Grandes Sonetos da Nossa Língua, 1987 – Editora Nova Fronteira S/A, Rio de Janeiro, RJ

Afasto a desolação
e nova esperança brilha,
ao mirar com emoção,
tu sorriso, minha filha!

Elza Metrelles, em 0505; O Patusco:
CP 95, CEP 61600-000 – Caucaia, CE

Que suspensão, que enleio, que cuidado
é este, meu tirano deus Cupido?
pois tirando me enfim todo o sentido,
me deixa o sentido duplicado.

Absorta no rigor de um duro fado
tanto de meus sentidos me divido,
que tenho só de vida o bem sentido,
e tenho já de morte o mal logrado.

Enlevo-me no dano, que me ofende,
suspendo-me na causa de meu pranto,
mas meu mal, ai de mim, não se suspende.

Oh cesse, cesse amor, tão raro encanto,
que para quem de ti não se defende,
basta menos rigor, não rigor tanto.

Soror Violante do Céu (Violante Montesino 1601-1693)
José Henrique Costa, em 0505; Koisaílinda:
R Liberdade 182, 14085-250 – Rib. Preto, SP

Chamando *justiça* aos planos
de manter a paz na terra,
os países soberanos
só traçam planos de guerra!

Chamando *justiça* aos planos
de manter a paz na terra,
os países soberanos
só traçam planos de guerra!

Ardor em firme Coração nascido;
pranto por belos olhos derramado;
incêndio em mares de água disfarçado;
rio de neve em fogo convertido:
tu, que em um peito abrasas escondido;
tu, que em um rosto corres desatado;
quando fogo, em cristais aprisionado;
quando cristal, em chamas derretido.

Se és fogo, como passas brandamente,
se és neve, como queimas com porfia?
Mas ai, que andou Amor em ti prudente!

Pois para temperar a tirania,
como quis que aqui fosse a neve ardente,
permitiu matreosa a chama fria.

Aos Afetos,
e Lágrimas
Derramadas
na Ausência
da Dama a
Quem
Queria Bem

Gregório de Matos Guerra 1623-1696. Aos Afetos, ...
Ulysses de Carvalho Júnior, em Trovaregre
0505 – www.ubtpa.hpg.com.br

Sem aquele amor ardente
dos idos anos dourados,
nossa cama é uma torrente
de rancos sincronizados...

Francisco Handa
Boletim UBT RJ 0505

Árvore sem folhas
uma estátua de inverno
braços para o céu.

Bernard Waldman

Cidade cinzenta.
No poluído jardim
viçam azaléias.

Fanny Dupré

Menino da feira
molhado pela garoa
arrasta a sacola.

Francisco Handa

Cipós-de-são-joão
rebatidos pelas rodas
dum carro de boi...

H. Masuda Goga

Festa de São João
meu coração bate forte
um *correio elegante*.

Sonia Mori

H. Masuda Goga/Teruko Oda, de Natureza – Berço do Haicai, Kigologia e Antologia, 1996

TEMAS DA SAZÃO (QUIDAI) INVERNO		
Vento cortante. Geland... escorrendo... o nariz, lenço suado... Agostinho José de Souza	Jogos e quadrilhas: é noite de São João. No arraial, festança! Djalda Winter Santos	Terreiro lotado – busca-pé zigzagueando assusta a moçada. Maria Reginato Labruciano
Centelhas festivas, coloridos busca-pés, encantam crianças. Ailson Cardoso de Oliveira	Corre a infância no rastro do busca-pé. Edmilson Felipe	Dia treze de junho. Pedidos a Santo Antonio. No computador. Nadyr Leme Ganzert
Rezando com fé, no Dia de Santo Antonio, namorada espera. Alba Christina	Cor forte e esquisita à mesa, brócolis verdes... – Menino faz fita. Fernando Lopes Soares	E junho... fogueira. Ba- lões... foguetes... sanfona. Quadriha animada! Olga dos Santos Bussade
Coração alegre! Lavrador está sorrindo. Viu broto de trigo. Alda Corréa M. Moreira	Passaros com fome comendo o broto de trigo fazendo algarazza. Flávio Ferreira da Silva	Dia do Pescador. Pai ganha um surubim... Sorrir entre lágrimas!... Olíria Alvarenga
Festa de São João. A quadriha se ragsando. Pinhão à vontade. Analice Feitoza de Lima	Dia gelado. Crianças encolhidas; excluíram cobertor! Flávio Velasco	Correndo pelo chão, busca-pé causa tumulto. Moleque feliz. Regina Célia de Andrade
Pescoco bem quente enrolado ao cachecol... velhinho não tosse! Anita Thomaz Folmann	No restaurante, freguês ansioso pede brócolis. Helvécio Durso	Hora do jantar. Macaxeira bem cozida derrete na boca. Renata Paccola
Temo rasgado casa sabendo da miséria – festa junina. Carlos Roque B. de Jesus	Na festa junina, quadriha, doces e fogos... – Menino dormindo! Humberto Del Maestro	Vento forte. Inverno. Cidadão bem protegido. Cachecol de lã. Roberto Resende Vilela
Para o namorado: – hei de amar-te até morrer. Correio elegante! Cecy Tupinambá Ulhôa	Jangadas paradas, é Dia do Pescador, ninguém vai pescar. João Batista Serra	Na porta da igreja um velho cobertor rasgado esconde a vida. Sérgio Francisco Pichorim
trouxinhas verde-amarelas. Pampanhas fresquinhas. Darly O. Barros	No dia do penta ficou todo colorido. Cipó-de-são-joão. Manoel F. Menendez	Cipós-de-são-joão em flor colorem a mata. Walma da Costa Barros
Broto de trigo envolto em sal e vinagre, gostosa salada. Denise Cataldi	O vento zumbindo, crianças agasalhadas, é vento cortante. Maria App. Picanço Goulart	Na terra, escondida, vai crescendo a macaxeira. Humilde tubérculo. Yedda Ramos Maia Patrício

SELEÇÕES MENSAS

FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

**Remeter até 30.06.05, quigos à escolha:
Beija-flor, Dia do Anício, Gladiolo.**

Remeter até 30.07.05, quigos à escolha:
Dia do Livro, Tié-preto, Tumbérgia.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), seu *único principal motivo*: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluímos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, etc., mais aperfeiçoamos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, *só praticando*. Não há outra opção: comece já!

No Quadro Final (análise dos votantes e votados do mês), orientaremos sobre os tercetos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção dos mesmos. *Vamos lá, coragem!*

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP ou mfmenendez@ig.com.br

1. Preencher até três haicus, (veja quigos acima, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à *natureza*.
2. Posteriormente o haicusta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicusta enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicusta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicu de própria luár, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

TREVOS À OCIDENTAL – TREVOS PERSONAGEM *

Busca-pé... balão... fogos... doce-batata... Infância pobre... Agostinho José de Souza	Tardes friorentas mas na noite de São João as fogueiras brilham. Alba Christina
Centelhas festivas, encantam crianças. Ailson Cardoso de Oliveira	Símbolo do agorero, também da saderbia. Vejo uma coruja. Albertina C. G. dos Santos

HAICUS EM FOLHA		
Patinhas em prece e o esquilo, atento, devora os brotos do arbusto. Amália Marie Gerda	O esquilo ligeiro recolhe o fruto da árvore e some nas folhas. Sérgio F. Pichorim	A margem do rio, paus e gravetos trançados. Família de esquilo. Roberto Resende Vilela
Naquela varanda, o luar espalha sombras por entre as flores. Denise Cataldi	Nozes pelo chão. Um requintado banquete atraindo o esquilo. Angélica Villela Santos	Requite da avó: competeira de cristal com doce de leite. Walma da Costa Barros
No luar de março, a brin- car de esconde-esconde, a lua entre as nuvens. Héron Patricio	Lago sossegado. O luar caído na água convida a sonhar. Analice Feitoza de Lima	A cidra ralada pinta de verde o pirex. Visitas chegando. Angélica Villela Santos
Raio de luar envolve em lençol de prata, trapos, no varal... Élen de Novais Felix	Cores diferentes nos canteiros do jardim. Noite de luar. Sérgio F. Pichorim	Só a linguagem do luar Platinando A Noite! Amália Marie Gerda
Bolinha de pelo faz pose em meio ao gramado minúsculo esquilo. Sérgio Serra	Doce de leite na pote, para o chá da tarde... Darly O. Barros	Olhinhos atentos nas crianças curiosas, esquilos almoçam. Élen de Novais Felix
Noite de luar ondas batendo nas rochas maré serena. Rosângela Aliberti	Raios de luar brincam no cristal do vaso, refletindo luz... Darly O. Barros	Momento de trégua: iluminando o apagão, claraão do luar. Renata Paccola
Luar refletido efeitos especiais nas águas do lago. Sérgio Serra	No cristal de jaça doce de cidra em calda abelhas em roda. Rosângela Aliberti	Pequeno esquilo pulando de galho em galho faz rir a crianca. Anita Thomaz Folmann
Entre folhas verdes, o amarelo se destaca. – Cidras maturadas. Roberto Resende Vilela	Árvore curvada. Esquilo salta do tronco assustando a todos. Analice Feitoza de Lima	Ralo traçoireo – na cidra verde ralada um rastro vermeilo. Neide Rocha Portugal
Nas asas do vento, traz, a manhã, nos seus braços perfume de cidra. Élen de Novais Felix	Nupcias de outono: o luar derrama prata nas folhas douradas. Alba Christina	em meio a castanhas, rói, rói, rói. Flávio Ferreira da Silva
Esquilo ligeiro, só pára para comer, a cauda pra cima. Djalda Winter Santos	Raio de luar pela fresta da janela, acorda o neném. Anita Thomaz Folmann	Buraco na terra no plantio inesperado: esquilo e semente. Héron Patricio

É festa junina; a fogueira está queimando. Aipim tão gostoso! Alda Corréa Mendes Moreira	Pedidos e graças, no Dia de Santo Antonio. Corações explodem! Amália Marie Gerda	Estrela cadente no Dia de Santo Antonio fé nos olhos úmidos. Amairi do Amaral Campos	Desejo apertando, e o menino faz a festa com uma lata de atum. Analice Feitoza de Lima	Julho, vinte e oito é Dia do Agricultor. Calendário marca. Angélica Villela Santos	O rio minguante estreitou bem mais seu leito: – quer ser só nascente. Anita Thomaz Folmann	Cheio de lixo – pessoas sem estações rio minguante. Carlos Roque B. de Jesus
Pipoca foguetes. Santo Antonio então percebe: – hoje é seu dia. Cecy Tupinambá Ulhôa	A noite é menina que não pára de brincar na festa junina... Cicero Campos	Do rio é a oferta no Dia do Pescador: um peixe no anzol... Darly O. Barros	Moça casadoura, no Dia de Santo Antonio pede um bom marido... Djalda Winter Santos	Na garoa o pensamento voa envolto ao cachecol. Edmilson Felipe	Dia de promessas, pondo fim à solidão viva Santo Antonio! Élen de Novais Felix	Nas asas do tempo, saudando a mãe natureza a poinsetia. Ercy M. M. de Faria
Antonio, altaneiro martelo (uai!) dos herejes é o casamento? Fernando Lopes Soares	Na festa junina, Rosinha acendeu a fogueira... queimou corações! Fernando Vasconcelos	O vento cortante segue destruindo tudo. Só desolação. Flávio Ferreira da Silva	Mar em festa pequenas ondulações indiferente a tudo... Cação. Flávio Velasco	Noite de São João. O perigo lá no céu. Balões criminosos. Haroldo R. Castro	Santo Antonio as solteirinas te imploram neste dia. Helvécio Durso	Noite de São João. Fogueiras, quantões e mais estrelas no céu!... Hermoclydes S. Franco
Cipó-de-são-joão... Um mundo todo encantado com flores vermelhas. Humberto Del Maestro	Fogueira, balão, alua... Festa junina... Ah, quanta saudade! João Batista Serra	Começo de amor é dia de São João. Samba popular... Jorge Picanço Siqueira	– Não! Flores revoando entre galhos da floresta?!... – Cipó-de-são-joão. Leonilda Hilgenberg Justus	Nas noites mais frias aquecendo os corações as festas juninas... M. U. Moncam	Dia de São João lembranças de infância: jogos e estrelinhas. Maria App. Picanço Goulart	A velha canoa, no Dia do Pescador também tem seu dia... Maria Madalena Ferreira
Um balão subindo. Fumaça, incêndio, desgraça, onde era tão lindo! Maurício Fernandes Leonardo	Pio de coruja noite de lua cheia mau agouro! Nadyr Leme Ganzert	Retiro do estojo no Dia dos Namorados meu anel de pérolas. Olga Amorim	Salada de brócolis... Degustando, descobri que é mais gostoso!... Olíria Alvarenga	Troca de presentes no Dia dos Namorados: comércio agradece. Renata Paccola	Céu de brigadeiro. Estação ensolarada. Árvore sem folha. Roberto Resende Vilela	Final de jornada. Nos campos desertos surgem os brotos de trigo. Walma da Costa Barros

Era uma vez um rei, moço e valente, senhor de um reino abundante em cidades e searas, que partira a batalhar por terras distantes, deixando solitária e triste a sua rainha e um filhinho, que ainda vivia no seu berço, dentro das suas faixas.

A Lua cheia que o vira marchar, levou no seu sonho de conquista e de fama, começava a minguar – quando um dos seus cavaleiros apareceu, com as armas rotas, negro do sangue seco e do pó dos caminhos, trazendo a armadura nova de uma batalha perdida e da morte do rei, trespassado por sete lanças entre a flor da sua nobreza, à beira de um grande rio.

A rainha chorou magnificamente o rei. Chorou ainda desoladamente o esposo, que era formoso e alegre. Mas, sobretudo, chora ansiosamente o pai que assim deixava o filhinho desamparado, no meio de tantos inimigos da sua frágil vida e do reino que seria seu, sem um braço que o defendesse, forte pela força e forte pelo amor.

Desses inimigos o mais temeroso era seu tio, irmão bastardo do rei, homem depravado e bravo, consumido de cobiças grosseiras, desejando só a realza por causa dos seus tesouros, e que havia anos vivia num castelo sobre os montes, com uma horde de rebeldes, à maneira de um lobo que, entre a sua atalaia, espera a presa. Ai! a presa agora era aquela criança, rei de mama, senhor de tantas províncias, e que dormia no seu berço com o seu guizo de ouro fechado na mão!

Ao lado dele, outro menino dormia noutro berço. Mas este era um escravozinho, filho da bela e robusta escrava que amamentava o príncipe. Ambos tinham nascido na mesma noite de verão. O mesmo seio os criava. Quando a rainha, antes de adormecer, vinha beijar o príncipezinho, que tinha o cabelo louro e fino, beijava também por amor dele o escravozinho, que tinha o cabelo negro e crespo. Os olhos de ambos reluziam como pedras preciosas. Somente o berço de um era magnífico e de marfim entre brocados – e o berço do outro pobre e de verga. A leal escrava, porém, a ambos cercava de carinho igual, porque se um era o seu filho – o outro seria o seu rei.

Nascida naquela casa real, ela tinha a paixão, a religião dos seus senhores. Nenhum pranto correria mais sentidamente do que o seu pelo rei morto à beira do grande rio. Pertencia, porém, a uma raça que acreditava que a vida da Terra se continha no Céu. O rei seu amo, decerto, já estaria agora reinando num outro reino, para além das nuvens, abundante também em searas e cidades. O seu cavalo de batalha, as suas armas, os seus pajens tinham subido com ele às alturas. Os seus vassallos, que fossem morrendo, prontamente iriam nesse reino celeste retomar em torno dele a sua vassalagem. E ela um dia, por seu turno, remontaria num raio de luz a habitar o palácio do seu senhor, e a fiar de novo o linho das suas túnicas, e a acender de novo a caçoleta dos seus perfumes; seria no Céu como fora na Terra, e feliz na sua servidão.

Todavia também ela tremia pelo seu príncipezinho! Quantas vezes, com ele pendurado no peito, pensava na sua fragilidade, na sua longa infância, nos anos lentos que correriam antes que ele fosse ao menos do tamanho de uma espada, e naquele tio cruel, de face mais escura que a noite e coração mais escuro que a face, faminto do trono, e espreitando de cima do seu rochedo entre os alfanjes da sua horda! Pobre príncipezinho de sua alma! Com uma ternura maior o apertava então nos braços. Mas se o seu filho chalrava ao lado – era para ele que os seus braços corriam com um

ardor mais feliz. Esse, na sua indignância, nada tinha a recear da vida. Desgraças, assaltos da sorte má nunca o poderiam deixar mais despido das glórias e bens do mundo do que já estava ali no seu berço, sob o pedaço de linho branco que resguardava a sua nudez. A existência, na verdade, era para ele mais preciosa e digna de ser conservada que a do seu príncipe, porque nenhum dos duros cuidados com que ele enegrecia a alma dos senhores roçaria sequer a sua alma livre e simples de escravo. E, como se o amasse mais por aquela humildade ditosa, cobria o seu corpinho gordo de beijos pesados e devoradores – dos beijos que ela fazia ligeiros sobre as mãos do seu príncipe.

No entanto um grande temor enchia o palácio, onde agora reinava uma mulher entre mulheres. O bastardo, o homem de rapina que errava no cimo das serras, descera à planície com a sua horda, e já através de casais e aldeias felizes ia deixando um sulco de matança e ruínas. As portas da cidade tinham sido seguras com cadeias mais fortes. Nas atalaias ardiam lumes mais altos. Mas à defesa faltava disciplina viril. Uma roca não governa como uma espada. Toda a nobreza fiel perecera na grande batalha. E a rainha desventurosa apenas sabia correr a cada instante ao berço do seu filhinho e chorar sobre ele a sua fraqueza de viúva. Só a alma leal parecia segura – como se os braços em que estreitava o seu príncipe fossem muralhas de uma cidadela que nenhuma audácia pode transpor.

Ora numa noite, noite de silêncio e de escuridão, indo ela a adormecer, já despida, no seu catre, entre os seus dois meninos, adivinhou, mais que sentiu, um curto rumor de ferro e de briga, longe, à entrada dos vergéis reais. Embrulhada à pressa num pano, atirando os cabelos para trás, escutou ansiosamente. Na terra areada, entre os jasmineiros, corriam passos pesados e rudes. Depois houve um gemido, um corpo tombando molemente, sobre lajes, como um fardo. Descerrou violentamente a cortina. E além, ao fundo da galeria, avistou homens, um clarão de lanternas, brilhos de armas... Num relance tudo compreendeu – o palácio surpreendido, o bastardo cruel vindo roubar, matar o seu príncipe! Então, rapidamente, sem uma vacilação, uma dúvida, arrebatou o príncipe do seu berço de marfim, atirou-o para o pobre berço de verga – e tirando o seu filho do berço servil, entre beijos desesperados, deitou-o no berço real, que cobriu com um brocado.

Bruscamente um homem enorme, de face flamejante, com um manto negro sobre a cota de malha, surgiu à porta da câmara, entre outros, que erguiam lanternas. Olhou – correu ao berço de marfim onde os brocados luziam, arrancou a criança, como se arranca uma bolsa de ouro, e, abafando os seus gritos no manto, abalou furiosamente.

O príncipe dormia no seu novo berço. A ama ficara imóvel no silêncio e na treva.

Mas brados de alarme de repente atroaram o palácio. Pelas vidraças perpassou o longo flamejar das tochas. Os pátios ressoavam com o bater das armas. E desgrenhada, quase nua, a rainha invadiu a câmara, entre as aias, gritando pelo seu filho. Ao avistar o berço de marfim, com as roupas desmanchadas, vazio, caiu sobre as lajes, num choro despedaçado. Então calada, muito lenta, muito pálida, a ama descobriu o pobre berço de verga... O príncipe lá estava, quieto, adormecido, num sonho que o fazia sorrir, lhe iluminava toda a face entre os seus cabelos de ouro. A mãe caiu sobre o berço, com um suspiro, como cai um corpo morto. E nesse instante um novo clamor abalou a galeria de mármore.

Era o capitão das guardas, a sua gente fiel. Nos seus clamores havia, porém, mais tristeza que triunfo. O bastardo morrerá! Colhido, ao fugir, entre o palácio e a cidadela, esmagado pela forte legião de arqueiros, succumbira, ele e vinte da sua horda. O seu corpo lá ficara, com flechas no flanco, numa poça de sangue. Mas ai! dor sem nome! O corpozinho tenro do príncipe lá ficara também, envolto num manto, já frio, roxo ainda das mãos ferozes que o tinham esganado!... Assim tumultuosamente lançavam a nova cruel os homens de armas – quando a rainha, deslumbrada, com lágrimas entre risos, ergueu nos braços para lho mostrar, o príncipe que despertara.

Foi um espanto, uma aclamação. Quem o salvara? Quem?... Lá estava junto do berço de marfim vazio, muda e hirta, aquela que o salvara! Serva sublimemente leal! Fora ela que, para conservar a vida ao seu príncipe, mandara à morte o seu filho... Então, só então, a mãe ditosa, emergindo da sua alegria extática, abraçou apaixonadamente a mãe dolorosa, e a beijou, e lhe chamou irmã do seu coração... E de entre aquela multidão que se apertava na galeria veio uma nova, ardente aclamação, com súplicas de que fosse recompensada, magnificamente, a serva admirável que salvara o rei e o reino

Mas como? Que bolsas de ouro podem pagar um filho? Então um velho de casta nobre lembrou que ela fosse levada ao tesouro real, e escolhesse de entre essas riquezas, que eram as maiores da Índia, todas as que o seu desejo apetececesse...

A rainha tomou a mão da serva. E sem que a sua face de mármore perdesse a rigidez, com um andar de morta, como num sonho ela foi assim conduzida para a câmara dos tesouros. Senhores, aias, homens de armas, seguiam num respeito tão comovido que apenas se ouvia o roçar das sandálias nas lajes. As espessas portas do tesouro rolaram lentamente. E, quando um servo destrancou as janelas, a luz da madrugada, já clara e rósea, entrando pelos gradeamentos de ferro, acendeu um maravilhoso e faiscante incêndio de ouro e pedrarias! No chão de rocha até as sombrias abóbadas, por toda a câmara, reluziam, cintilavam, refletiam os escudos de ouro, as armas marchetadas, os montões de diamantes, as pilhas de moedas, os longos fios de pérolas, todas as riquezas daquele reino, acumuladas por cem reis durante vinte séculos. Um longo “Ah!”, lento e maravilhado, passou por sobre a turba que emudecera. Depois houve um silêncio, ansioso. E no meio da câmara, envolta na refulgência preciosa, a ama não se movia... Apenas os seus olhos brilhantes e secos, se tinham erguido para aquele céu que, além das grades, se tingia de rosa e de ouro. Era lá, nesse céu fresco de madrugada, que estava agora o seu menino. Estava lá, e já o sol se erguia, e era tarde, e o seu menino chorava decerto, e procurava o seu peito!... Então a ama sorriu e estendeu a mão. Todos seguiam, sem respirar, aquele lento mover de sua mão aberta. Que jóia maravilhosa, que fio de diamantes, que punhado de rubis, ia ela escolher?

A ama estendia a mão – e sobre um escabelo ao lado, entre um molho de armas, agarrou um punhal. Era um punhal de um velho rei, todo cravejado de esmeraldas, e que valia uma província. Agarrara o punhal, e com ele apertado fortemente na mão, apontando para o céu, onde subiam os primeiros raios do sol, encarou a rainha, a multidão, e gritou: – Salvei o meu príncipe – e agora vou dar de mamar ao meu filho! E cravou o punhal no coração.

As crianças morrem em piscinas lagoas no centro da cidade

o corte na testa barrigas inchadas costas afundadas

as crianças elas também nos abandonam.

Caim já não me mata

De mim – rápido – se afasta.

Eunice Arruda, Notícias; em Linguagem Viva 0504 – linguagemviva@ig.com.br

Haicus em Folha do mês passado (SF0505), leia-se o conteúdo da 1ª linha:

Barco solitário rasga o véu da cerração e aporta na praia. Darly O. Barros	Roçado de arroz. Um passarinho repousa na cruz do espantalho. Analice Feitoza de Lima	Compta de péra recém-saida do fogo. Dedinho queimado... Darly O. Barros
---	--	--

H A I C U , E S S E D E S C O N H E C I D O !

<http://www.poetry.com/Haiku/haiku.asp> – <http://www.escretores.cl/impresion.php?f1=varios/haiku.htm&f2=> (Portal de Literatura Chilena en Internet)

O hocu (literalmente *estrofe inicial*) era e é a partida para o encadeamento de estrofes conhecido como haicai, e nada tem a ver com os demais tercetos do mesmo. O hocu, devido a sua própria função no encadeamento, era e é um terceto aberto. Considero o haicu com seus mesmos princípios, e contendo um corte no texto (nem muito próximo, nem muito distante de seu primeiro verso ou dois dos seus versos anteriores), a mais antiga poesia moderna do mundo. Poemeta popular, com palavras do quotidiano e de fácil compreensão, exige consciência e realidade. A emoção ou sensação sentida pelo autor é só sugerida para

que permita ao leitor recontar essa emoção por si mesmo já vivenciada, concluindo assim o haicu à sua maneira. O leitor, pois, através da sutil sugestão do autor, desperta o em si adormecido e reatentece a poesia. Como vemos, o haicu é fácil de entender *seu conteúdo*, porém difícil de se praticar com seus fáceis princípios... O haicu é como o texto de uma fotografia ou filme abordando – *aqui e agora*, – uma palavra da estação, nela situando-o. Não pode ser confundido ou considerado como quaisquer outros tercetos (tercetos isolados, independentes ou destacados). Caso contrário estaremos dando um novo

sinônimo ao terceto o qual já o batisei de trevo! Um haicu deve conter uma e só uma palavra da estação, e, sem esta, não há tema da estação e, conseqüentemente, não há haicu... O poeta (*haijim*) escreve o haicu no instante em que ocorre e narra. Um haicu não explica, não apresenta pensamento, evita adjetivos e há outros mais detalhes inerentes a composição de bons haicus. Estes só acontecerão aos que praticarem... A prática nos diz que quando o poeta começa a percebê-lo (e nunca o perceberemos completamente...), pratica-o com mais prazer, mais ou menos já senhor *do que se trata*. Seus tex-

tos passarão então a sugerir e deixar em aberto o trabalho, e seus leitores é que os complementam. A arte do *haijim* é sugerir pelo que vê; jamais analisar. Haicu é *seu conteúdo*, *nunca sua estrutura* (5-7-5 ou menos). Apresentar qualquer terceto como haicu, fere-nos a cuca. Afinal a palavra terceto é pré-existente. Em ambos os *sites* acima, há muitos tercetos, – se não a maioria, – que prefiro chamá-los tercetos à moda ocidental e trevos personagem *, derivados ou não da poesia encadeada haicai, com exceção, claro, de seus hocus (tercetos iniciais). Para os simpatizantes pois, são haicus:

A neve ° que vimos cair, é outra este ano? Bashô, Matsuo 1644-1694	Ocaso no outono. ° Também é bem estar a solidão. Buson, Yosa 1716-1784	Arranco uma planta. * Profundidade e brancura me dá pena. Hekigotô, Kawahigashi 1873-1937	Noite de dezembro. * Uma cama fria é tudo o que tenho. Hôsai, Ozaki 1885-1926	Geadá e granizo. * Sem fim nem fundo a solidão. José, Natô 1662-1704	Ameixeira em flor * espera seu mestre no jardim. Kikaku, Takarai 1661-1707	Recito sutras. * As prostitutas deprimem-se. Kioroku, Morikawa 1656-1715
Todas as coisas, ° nas chuvas de primavera, são mais belas. Ni, Chiyo 1703-1775	Montanha distante. ° O calor do dia foi para lá. Onitsura, Ueshima 1661-1738	Outono, * a desgraça e nada mais. Continuo a viagem. Santôka, Taneda 1882-1940	Cada Ano Novo ° céu e terra em harmonia. O primeiro dia. Shiki, Masaoka 1867-1902	Meu pai, morrendo, ° ao mesmo tempo saltava peidos. Sôkan, Yamasaki 1465?-1553?	Os dias tranquilos ° em rápidos anos esquecidos. Taigi, Tan 1709-1771	Troca de doméstica. * Dependurada a vassoura em outro lugar. Yayû, Yokoi 1702-1783